



A LITERATURA BRASILEIRA

DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL ATÉ A INDEPENDÊNCIA

Antônio Tângari Filho*

A família real de Portugal com a maioria da sua Corte chegou ao Rio de Janeiro em 7 de março de 1808, após uma longa viagem desde Lisboa, com passagem por Salvador.

Viajaram cerca de quinze mil pessoas, incluídos aí os familiares e serviçais. Tal movimentação foi causada pela iminência da invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte. A mudança foi estimulada e acompanhada pela Inglaterra, que designou belonaves para escoltar os portugueses.

Em 26 de abril de 1821, regressava D. João VI a Portugal depois de pouco mais de treze anos de permanência no Brasil.

Após este pequeno introito, e justificando as ações iniciais e criativas do Príncipe Regente

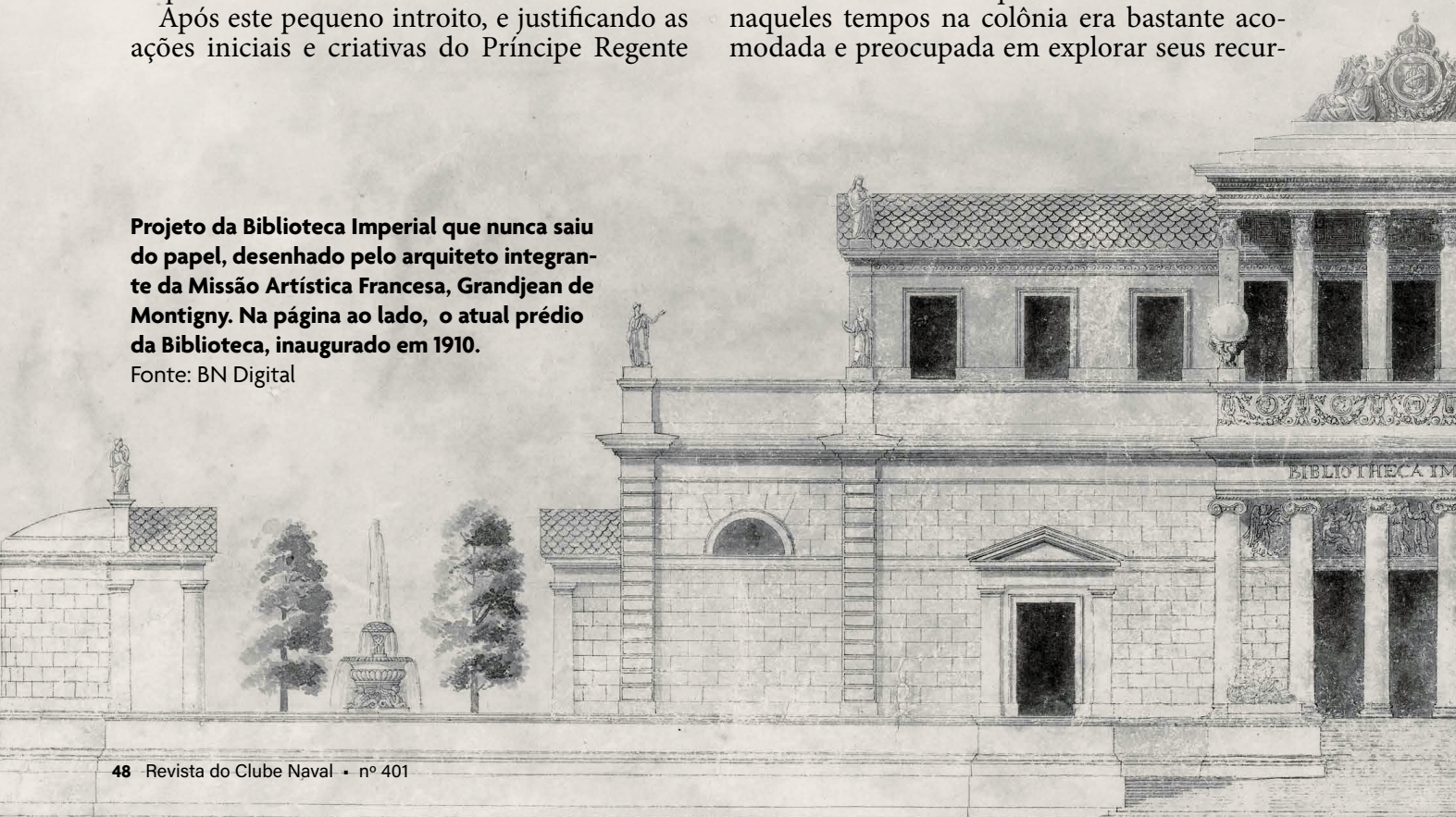
logo na chegada, registre-se que ele encontrou um Brasil Colônia sem escolas de nível superior, comércio exterior somente com Portugal e não tendo qualquer tipo de indústria de produção mais elaborada. Existiam algumas cópias de livros e jornais, todos vindos de Portugal, em quantidades diminutas, competindo em desvantagem com outras necessidades.

Muito pouco havia de atividades intelectuais, desde literárias até artísticas, sendo também terminantemente proibida a importação de livros e publicações que não tivessem sido previamente aprovados pelos representantes da Corte de Portugal.

Pode-se considerar que a sociedade existente naqueles tempos na colônia era bastante acomodada e preocupada em explorar seus recur-

Projeto da Biblioteca Imperial que nunca saiu do papel, desenhado pelo arquiteto integrante da Missão Artística Francesa, Grandjean de Montigny. Na página ao lado, o atual prédio da Biblioteca, inaugurado em 1910.

Fonte: BN Digital



tos abundantes, usando os escravos. Assim se procedia no âmbito da agricultura, na mineração bem como no comércio e produção de alimentos para consumo interno ou para exportação via Portugal.

Imaginem, caríssimos leitores, o impacto deste verdadeiro exército de novos habitantes, quase quinze mil pessoas como dito no início, chegando à cidade do Rio de Janeiro que na época tinha somente cerca de cinquenta mil moradores! A Corte estava acostumada ao luxo e a ter suas necessidades de alimentação mais sofisticada, conforto, recreio e distração atendidas no nível elevado de Lisboa. Como iriam se adaptar, desde o mais simples funcionário até o próprio Príncipe Regente?

D. João, seus ministros e secretários tiveram que arregaçar as mangas e preencher o vazio acima descrito, procurando dotar a então colônia de recursos e instituições que permitissem a sua administração e mudassem para melhor as condições da vida urbana no Rio de Janeiro, nova sede do governo de Portugal.

Dentre as inovações, que tiveram importância na futura criação de uma elite informada e que possibilitaram o início de uma literatura eminentemente nacional, podemos destacar a criação do primeiro jornal do País, a Gazeta do Rio de Janeiro, e especialmente da Biblioteca do Rio de Janeiro.

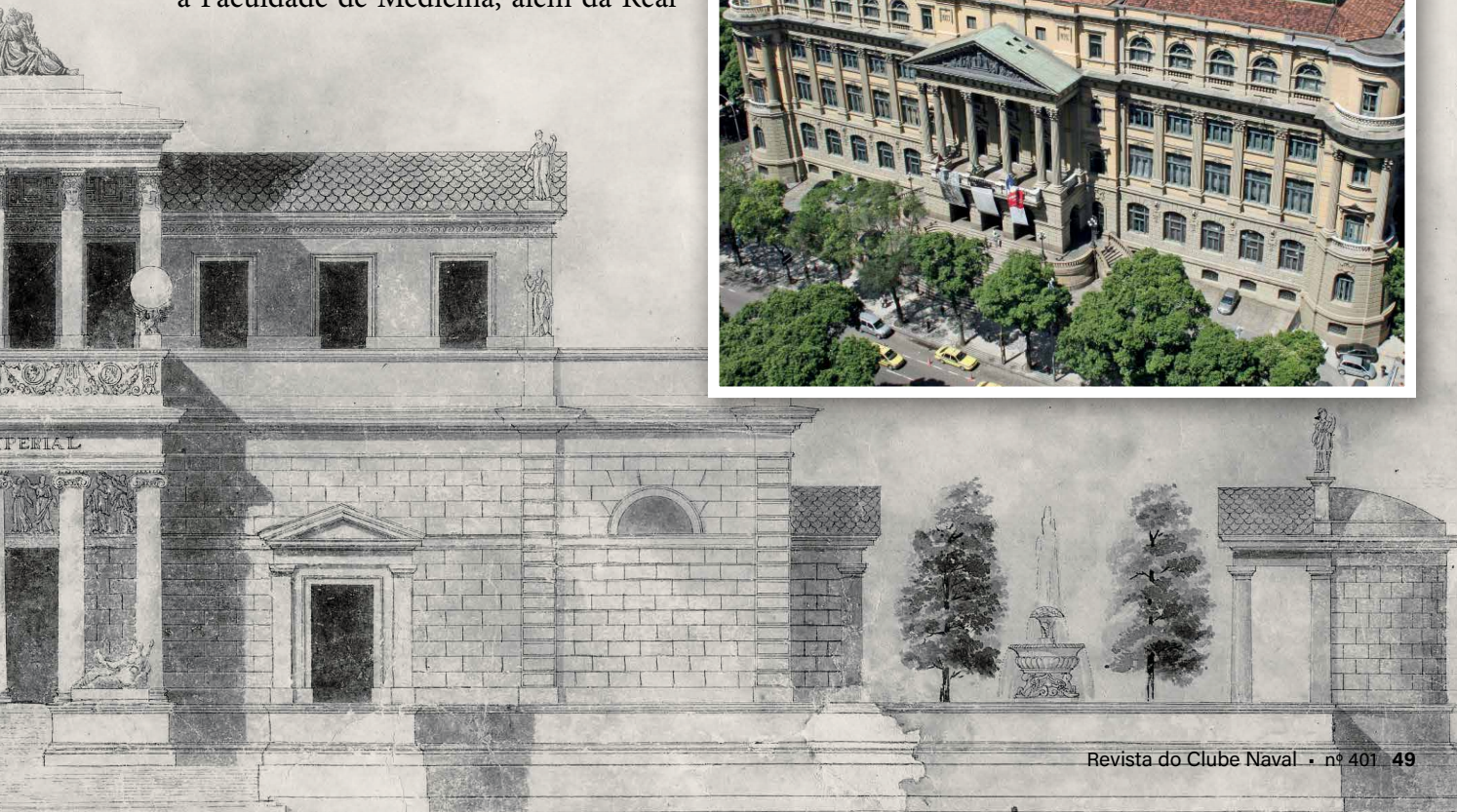
Outras instituições importantes também foram criadas, como a Faculdade de Cirurgia da Bahia. No Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina, além da Real

Academia de Guardas-Marinha. Essas Escolas de nível superior, embora não diretamente ligadas à Literatura, por certo contribuíram para a formação de grupos com maior conhecimento. Não havia faculdades específicas voltadas para o ensino de Letras.

As dificuldades para atividades literárias eram enormes, já que antes da Tipografia Régia, montada com equipamentos de impressão trazidos de Portugal nos navios em 1808, só existiu uma tipografia, pertencente a Antônio Isidoro da Fonseca. Essa foi de vida efêmera, pois após a edição de apenas três livros foi fechada pelos administradores do Brasil Colônia. A abertura dos portos do Brasil para outras nações também foi uma conquista da época de D. João no nosso país.

D. João teve ainda outra boa iniciativa, que foi a vinda da Missão Artística Francesa em 1816. Com ela vieram pintores, arquitetos, restauradores, artesãos e escritores.

No período em que a Corte esteve no Brasil foram impressos na Tipografia Régia centenas de obras, além da legislação e correspondência real. Na sua maioria eram traduções do inglês e do francês, ou de autores portugueses. Tratavam basicamente de assuntos do dia a dia, como orientações de medicina e cirurgia, agricultura, pecuária e atividades de caráter militar. Como



REVERBER

ONSTITUCIONAL FLUMI

ESCRITO

POR DOUS BRASI

AMIGOS DA NAÇÃO, E

TOMO PR



RIO DE JANEIRO,
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL:

M. DCCC. XXII.

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO, POLITICO,
MERCANTIL, &c.

D O
RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente,
Ferreira.

N. 1.^o
JANEIRO.

Reservado da
Biblioteca Nacional
RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.

Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,
na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na
mesma Loja se faz a subscrição a 4000 reis
por semestre.

Com a transferência da família real, entre as medidas necessárias à acomodação da Corte e à satisfação das novas demandas administrativas destaca-se o Decreto de 13 de maio de 1808 que instituiu a Impressão Régia no Rio de Janeiro
Fonte: BN Digital

colaborava na sua disseminação. Na Conjuração de Pernambuco, o Monsenhor Arruda e o Padre João Ribeiro Pessoa de Melo, intelectuais que também escreviam sobre as ideias libertárias. Por serem revoltosos, suas trajetórias foram interrompidas, pelo degredo, condenação à morte ou cometendo suicídio.

Cidadão português, Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, que veio para o Brasil em 1811 trazendo a remessa dos livros da Biblioteca de Lisboa, também pode ser destacado nesse período como literato. Enviou quase duzentas cartas para seu pai e sua irmã em Portugal, que estão arquivadas na Biblioteca da Ajuda em Lisboa. Casou-se com uma brasileira em 1814 e foi ministro de D. Pedro I após 1822, falecendo no Brasil em 1838.

Concluindo, embora não fossem lançados grandes autores nacionais nesse curto período de treze anos, a nossa Literatura teve sua base fortemente solidificada, o que possibilitou o surgimento de pensadores, escritores e poetas após a Proclamação da Independência. Com a liberação da censura tão rigorosa e contestada no Brasil Colônia, floresceu a nossa imprensa possibilitando mais espaço para o desenvolvimento da Literatura Brasileira. ■

REFERÊNCIAS

- Romances Históricos 1808 e 1822 – Laurentino Gomes
- Site da Biblioteca Nacional
- Literatura Brasileira – José Veríssimo
- Impressão Régia – Angélica Ricci Camargo
- 200 anos de história do Livro no Brasil – Patrícia Abreu
- Wikipedia – Missão Artística Francesa – Publicações da Imprensa Régia e ilustrações
- Wikipedia – Inconfidência Mineira e Conjurações da Bahia e de Pernambuco

* Capitão de Corveta (Ref^o-IM), membro efetivo do Círculo Literário do Clube Naval